



Prevalência, significações e prevenção da violência nas relações juvenis de intimidade: um projecto integrado de investigação¹

Carla Machado, Cláudia Coelho, Rosa Saavedra, Sónia Caridade,
Sónia Martins, Helena Grangeia & Ana Rita Dias
Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal
E-mail: cmachado@iep.uminho.pt

Resumo

O interesse social e científico pelo problema da violência nas relações juvenis de intimidade é muito recente em Portugal, ainda que a informação disponível indique que os adolescentes frequentemente perpetram e sofrem comportamentos violentos nestas relações, à semelhança do que ocorre em casais adultos. Os estudos atitudinais conduzidos junto de jovens evidenciam ainda que, apesar da aceitação da violência em contextos de intimidade ser reduzida, muitos adolescentes subscrevem mitos que legitimam a violência. Estes resultados estimularam um interesse mais aprofundado na implementação de esforços preventivos em Portugal pelo que, recentemente, diversos investigadores e instituições desenvolveram e implementaram programas de prevenção da violência nas relações de intimidade direccionados à população juvenil.

Neste artigo iremos apresentar os principais resultados de um projecto de investigação em curso sobre a violência nas relações juvenis de intimidade. Começaremos por caracterizar os comportamentos, atitudes e discursos dos jovens que motivaram o desenvolvimento destes esforços preventivos, apresentando de seguida os resultados de uma pesquisa sobre os programas de prevenção conduzidos pelas principais instituições operativas na área da violência na intimidade. Serão apresentadas sugestões com o intuito de aperfeiçoar estes esforços preventivos, bem como um programa de prevenção que procura ultrapassar alguns dos problemas previamente identificados.

Palavras-chave: adolescentes; relações de intimidade; namoro; violência; prevenção.

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto “Violência nas relações juvenis de intimidade” (PTDC/PSI/65852/2006), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

1. Introdução

Os estudos subordinados ao tema da violência nas relações de intimidade têm privilegiado o casamento/união de facto enquanto objecto de investigação e negligenciado relações de namoro e ocasionais, bem como casais homossexuais. Apenas recentemente se tem verificado um maior investimento na compreensão das prevalências e dinâmicas violentas subjacentes a estes relacionamentos sendo que, desde a década de 80, houve um aumento progressivo na quantidade de estudos acerca da violência nas relações juvenis de intimidade (cf. Howard, Wang, & Yan, 2007; Jackson, 1999; Lewis & Fremouw, 2001).

Este cenário reproduz-se no contexto científico português, onde começam já a surgir estudos sobre a violência nas relações juvenis de intimidade, nomeadamente direccionados à caracterização das prevalências de vitimação e perpetração e variáveis associadas ao comportamento violento (Caridade & Machado, 2006; Lucas, 2005; Paiva & Figueiredo, 2004), ao conhecimento das consequências da violência (Paiva & Figueiredo, 2005) e à prevenção desta forma de violência (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006).

É neste contexto que surge o projecto “Violência nas relações juvenis de intimidade” que se encontra a decorrer na Universidade do Minho (PTDC/PSI/65852/2006) e cujos objectivos consistem na identificação da prevalência da violência nas relações juvenis de intimidade; na caracterização das atitudes, crenças e discursos dos jovens sobre a violência; no levantamento e avaliação crítica dos programas de prevenção da violência na intimidade juvenil conduzidos em Portugal; e no desenvolvimento, aplicação e avaliação da eficácia de programas de prevenção neste âmbito. Apresentaremos de seguida os principais resultados obtidos até ao momento pelos diferentes estudos desenvolvidos no âmbito deste projecto de investigação.

2. Estudos de prevalência

Embora já outros estudos tivessem sido desenvolvidos no nosso país sobre a prevalência da violência nas relações de intimidade juvenis (Lucas, 2005; Paiva & Figueiredo, 2004), o estudo de Caridade (em preparação) foi o primeiro a recorrer a uma amostra que compreende o território nacional e integra jovens de diferentes níveis de ensino. A amostra final deste estudo integrou 4667 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, que

se encontravam a frequentar o ensino secundário, profissional ou universitário (Machado, Caridade, & Martins, no prelo).

Embora tenha sido necessário excluir deste estudo uma parte da amostra devido ao preenchimento incompleto do instrumento de avaliação, verificou-se que 25.4% dos jovens envolvidos em relacionamentos amorosos tinham sido vítimas durante o ano anterior ao estudo e 30.6% tinham apresentado comportamentos violentos face ao seu parceiro actual (Machado et al., no prelo). Resultados semelhantes foram obtidos na avaliação dos comportamentos de violência ocorridos em relações amorosas anteriores, em que 27.3% e 28.0% dos jovens relataram ter sido vítimas e perpetradores de violência, respectivamente (Caridade, em preparação).

Ainda no mesmo estudo, foram avaliados os diferentes tipos de violência perpetrados e sofridos pelos jovens nos seus relacionamentos íntimos, tendo-se verificado que nas relações actuais, 19.5% foram vitimados emocionalmente, 13.4% fisicamente e 6.7% sofreram violência física severa; por outro lado, 22.4% admitiram ter exercido violência emocional sobre os seus parceiros, 18.1% perpetraram violência física e 7.3% violência física severa. Constatou-se que, apesar de o nível socioeconómico dos jovens não influenciar os seus comportamentos de vitimação e perpetração, o mesmo não se verificava quando avaliado o efeito das variáveis género, idade e escolaridade. De facto, os elementos do sexo feminino evidenciavam níveis mais elevados de perpetração global, física e emocional, sofrendo, por outro lado, maior vitimação física. Eram os grupos etários mais velhos e que frequentavam o ensino superior aqueles que mais perpetravam e eram alvo de violência global e emocional, enquanto a perpetração a nível físico e a vitimação a nível físico e físico severo predominavam entre os jovens do ensino profissional (Machado, et al., no prelo).

Por outro lado, considerando as suas relações passadas, 22.7% dos jovens foram alvo de violência emocional, 15.4% sofreram violência física e 7.5% violência física severa, enquanto 19.3%, 17.0% e 6.2% perpetraram violência emocional, física e física severa, respectivamente. A análise do efeito das variáveis demográficas neste âmbito assinalou a existência de maior vitimação física e perpetração física severa entre indivíduos do sexo masculino, enquanto as jovens do sexo feminino eram mais vitimadas a nível emocional, perpetrando mais

violência global e física. Relativamente ao papel da idade, verifica-se a reprodução do padrão existente nas relações actuais, ao que acresce a predominância de perpetração e vitimação física pelos grupos etários mais velhos e de perpetração física severa pelos mais novos. Mais uma vez, não existem diferenças relativamente à vitimação e perpetração associadas ao nível socioeconómico dos jovens. Por outro lado, a nível global, físico e emocional, os comportamentos de perpetração e vitimação eram mais elevados entre estudantes do ensino profissional, sendo que a perpetração emocional era mais reduzida nos estudantes do ensino secundário, quando comparados com aqueles que frequentam o ensino superior e profissional (Caridade, em preparação).

Com o intuito de aprofundar o conhecimento da violência na intimidade juvenil, verificou-se a necessidade de abordar também a dimensão sexual, que no estudo anterior apenas era avaliada de forma superficial. Num estudo exploratório sobre o tema, Martins e Machado (2008), recorrendo a uma amostra de 362 estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, constataram que 6.9% foram vitimados sexualmente durante o último ano, sendo que em 7.2% dos casos a vítima conhecia o seu agressor. Relativamente à perpetração, 2.2% dos jovens admitiram ter cometido violência sexual, que em 2.8% dos casos teve como alvo pessoas conhecidas do perpetrador. Não foram encontradas diferenças de género quanto à vitimação, ao contrário do que ocorreu ao nível da perpetração, que é superior entre elementos do sexo masculino. Neste estudo exploratório, não foi ainda possível discriminar as situações em que a violência ocorria em contexto de relações de intimidade, prevendo-se que numa fase posterior da investigação essa informação esteja já disponível.

Por fim, e considerando a possibilidade de ocorrência de comportamentos intrusivos, ou mesmo violentos, em situações de amor não correspondido e rejeição, Grangeia, Matos e Machado (2008) analisaram uma amostra de 295 estudantes universitários, sendo que destes 72.4% já tinha sido alvo de estratégias relacionais de conquista que surgiam na ausência de uma relação de intimidade ou após a ruptura de uma relação de intimidade. Os resultados preliminares indicam que os principais alvos destes comportamentos eram jovens do sexo feminino e que, ainda que a maioria destas estratégias fosse de aproximação/comunicação, verificou-se também o recurso a comportamentos de vigilância/perseguição, intimidação/ invasão, ameaça/coerção e, em menor grau, agressão/violência, estando reunidos os critérios

para a definição dos comportamentos como stalking em 7.5% da amostra total.

A intimidade juvenil abarca ainda relações de carácter ocasional, que não envolvem durabilidade nem compromisso, bem como relações homossexuais, encontrando-se a decorrer investigações sobre a violência nestes contextos relacionais, no âmbito do projecto “*Violência nas relações juvenis de intimidade*”, cujos resultados não se encontram ainda disponíveis.

3. Estudos atitudinais e análise de discursos

Os estudos abrangidos pelo projecto “*Violência nas relações juvenis de intimidade*” têm também procurado investigar as atitudes dos jovens acerca desta temática, tendo-se constatado uma tendência geral para a reprovação da violência física, emocional e sexual em contextos de intimidade (Machado et al., no prelo; Martins & Machado, 2008).

Não obstante, no que concerne à violência física e emocional, verifica-se uma maior tolerância por parte dos elementos do sexo masculino, de faixas etárias mais jovens, com menor escolaridade, de níveis socioeconómicos mais desfavorecidos e com menos experiências a nível romântico (Machado et al., no prelo). Ao nível das atitudes acerca da violência sexual verifica-se um padrão semelhante, com os jovens do sexo masculino e com menor escolaridade a evidenciarem uma maior legitimação dos comportamentos sexualmente abusivos (Martins & Machado, 2008).

Com o intuito de aprofundar as significações dos jovens acerca da violência em relações de intimidade, procedeu-se ainda a diversos estudos de carácter qualitativo no âmbito do projecto que temos vindo a descrever, quer através de focus-group, quer de entrevistas individuais.

Assim, foram realizados nove focus-group com jovens, três em cada nível de formação em análise (ensino secundário, profissional e superior). Em cada nível de ensino, um grupo era exclusivamente masculino, outro exclusivamente feminino e o outro misto. Em termos gerais, os discursos dos jovens revelaram-se congruentes com as suas atitudes, exprimindo a condenação dos diferentes tipos de violência e considerando esta problemática relevante na medida em que os comportamentos violentos no namoro são avaliados como comuns e precursores da violência em relações de intimidade futuras (Caridade, em preparação). No entanto, uma análise mais detalhada depara-se com a existência de discrepâncias entre esta posição geral e a

consideração da violência como aceitável ou desculpável em certos contextos específicos. Assim, verifica-se uma tendência para a avaliação da violência sexual como rara e para a banalização da violência emocional e de alguns actos de violência sexual entendidos como menos graves. Acresce que a conceptualização que os jovens fazem do abuso está dependente da intenção do agressor, do contexto da agressão e do impacto causado, procedendo-se a uma maior desculpabilização do comportamento violento quando aquele é atribuído à impulsividade e descontrolo do agressor, quando este manifesta arrependimento, quando o abuso não ocorre em público e quando daí não decorrem consequências físicas graves (Caridade, em preparação).

Apesar de os jovens reconhecerem a existência de padrões de poder genderizados associados à violência, tendem a enfatizar factores familiares, do grupo e do meio (e.g. experiência e/ou exposição à violência na família, influência do grupo de amigos), e características intrapessoais (e.g. impulsividade, falta de auto-controlo, consumo de substâncias) como causas da violência, prevalecendo também discursos culpabilizadores da vítima em função da sua tolerância à violência ou da precipitação da mesma através de comportamentos actuais e/ou prévios (e.g. vestuário, infidelidade).

Considerando a possibilidade de os discursos juvenis sobre a violência na intimidade estarem enquadrados em discursos mais abrangentes sobre o amor, Dias (em preparação) procederam à realização de entrevistas individuais sobre as narrativas românticas de 14 jovens (7 rapazes e 7 raparigas), tendo emergido repertórios interpretativos para o amor tipificados pela autora em: “amor romântico”, “amor apaixonado”, “amor companheiro” e “amor desencantado”.

Em particular, o repertório do “amor romântico”, encontrado maioritariamente entre raparigas e que representa o amor como único, verdadeiro e eterno, promove uma construção relacional da identidade que conduz à dependência emocional e que responsabiliza os elementos do sexo feminino pela qualidade e manutenção da relação. É ainda de salientar que por vezes, e exclusivamente nas raparigas entrevistadas, surge a noção do amor como um factor de transformação e facilitador da resolução de problemas pelo casal, o que poderá fomentar a

tolerância/permanência em relações abusivas com o fundamento de que o amor será um motor de mudança. Por outro lado, o repertório do “amor apaixonado” traduz-se numa compreensão do amor

como “cego”, sendo comumente utilizado para justificar a permanência em relações violentas. Nos rapazes, este discurso está associado à percepção da infidelidade feminina como um motivo legítimo para a violência, enquanto as raparigas consideram os ciúmes uma prova de amor (Dias, em preparação).

Ainda que os repertórios do “amor romântico” e “amor apaixonado” sejam aqueles que mais promovem a vulnerabilidade à violência através da assimetria relacional, defendendo uma maior limitação da vida amorosa feminina, aliada a uma maior passividade/submissão e restrição das emoções negativas nas mulheres, também nos outros repertórios permanecem construções genderizadas do amor. De facto, a associação entre a sexualidade e emocionalidade femininas está presente em todos os repertórios e o maior investimento relacional das mulheres, a par do seu desinvestimento pessoal, apenas não é encontrado no repertório do “amor desencantado” (Dias, em preparação).

Do conjunto destes estudos em desenvolvimento, emerge a constatação de números significativos de violência na intimidade juvenil, aliados à persistência de significações e crenças que perpetuam a genderização do poder e legitimam a violência. Desta forma, reforça-se a necessidade de desenvolver e avaliar programas de prevenção nesta área, para o que é fundamental conhecer e avaliar os esforços desenvolvidos até ao momento no nosso país.

4. Programas de prevenção

Com o intuito de reunir informação acerca dos programas de prevenção universal existentes em Portugal no âmbito da violência em contextos de intimidade, foram contactados (Saavedra, em preparação) 83 serviços com actividade desenvolvida na área da violência doméstica e, embora somente 23 tenham fornecido a informação solicitada, da análise dos materiais obtidos concluiu-se que apenas sete poderiam ser considerados como programas de prevenção universal da violência nos relacionamentos íntimos (incluindo ao nível da população juvenil).

A maioria destes programas foi financiada por fundos comunitários, decorreu em contexto escolar com jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, objectivava a sensibilização para o problema da violência em contextos de intimidade e o desenvolvimento de respostas adequadas, recorreu a exposição teórica e dinâmicas de grupo, funcionando geralmente em sessões únicas. Em cinco dos sete programas procedeu-se à avaliação dos resultados, sendo que em dois apenas foi contemplada a

satisfação dos participantes, genericamente avaliada como positiva, e em três recorreu-se a uma metodologia quasi-experimental com pré-teste, pós-teste e *follow-up*, tendo-se verificado uma menor legitimação da violência nos momentos de pós-teste e *follow-up*, quando comparados com os valores obtidos no pré-teste (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2005; Matos et al., 2006).

Não obstante a relevância destes programas de prevenção, após a sua caracterização genérica torna-se pertinente assinalar alguns aspectos críticos que lhes estão subjacentes, nomeadamente a ausência de financiamento regular que assegure a continuidade destes programas, eventualmente associada à predominância de intervenções de sessão única e ao recurso típico a metodologias teóricas de apresentação de conteúdos. Acresce que a maioria dos programas de prevenção implementados não se encontram fundamentados teoricamente e, ao nível da avaliação, sobrevalorizam a satisfação dos participantes, bem como as atitudes/ conhecimentos em detrimento do impacto comportamental e não recorrem a grupos de controlo (Saavedra, em preparação).

4.1. APAV 4D – Prevenção Integrada em Contexto Escolar

Durante o ano lectivo de 2008/2009, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e com apoio científico e técnico do projecto “Violência nas relações juvenis de intimidade”, encontra-se em curso a implementação piloto do programa APAV 4D – Prevenção Integrada em Contexto Escolar, junto de seis turmas do 9.º ano na disciplina de Área de Projecto. Consiste num programa de prevenção universal de comportamentos de risco e promoção de comportamentos saudáveis, traduzido e adaptado do programa The Fourth R, elaborado e testado no Canadá pela equipa de Wolfe, Jaffe, Crooks, Hughes e Chiodo (Centre for Addiction and Mental Health - Centre for Prevention Science, 2008).

Os jovens constituem a população-alvo deste programa, na medida em que se encontram numa etapa desenvolvimental caracterizada pela procura de informação, apoio e novas experiências, pelo que a nível preventivo não basta definir os comportamentos a evitar, sendo indispensável orientar os jovens para os comportamentos saudáveis pretendidos, assegurando os meios para que estes possam ser colocados em prática. Neste âmbito, é sublinhada a importância de agir a um nível holista na redução dos diversos comportamentos de risco dos jovens, tais como o consumo de drogas, os comportamentos

sexuais de risco e a violência entre pares, sendo estes os módulos que integram o programa original (Wolfe, Crooks, Hughes, & Jaffe, 2008) e aos quais o programa APAV 4D adicionou uma unidade relativa à igualdade de género.

O programa APAV 4D é composto por 24 sessões conduzidas por professores que recebem formação especializada e, apesar de decorrer em contexto escolar, procura envolver também outros elementos da comunidade, promovendo assim a proximidade entre os adolescentes e as múltiplas vertentes do seu meio envolvente e possibilitando a aplicação das novas aprendizagens em contextos diversificados. À semelhança do que defendem Wolfe e colaboradores (2008), Saavedra e Machado (2008), responsáveis pela adaptação do programa, consideram que as principais áreas de acção devem incluir a clarificação de valores, o fornecimento de informação, a tomada de decisão e uma forte componente de desenvolvimento de competências. Deste modo, foram delineados os seguintes objectivos gerais: a) ajudar os alunos na clarificação dos seus valores e limites acerca dos seus relacionamentos, sexualidade, substâncias e questões de género; b) fornecer informação necessária para uma tomada de decisão informada; c) ensinar competências de comunicação, negociação, adiamento e recusa para lidar com questões de violência, sexualidade, consumo de substâncias e desigualdade de género; d) fornecer oportunidades para praticar essas competências através de actividades de role-play.

Sabendo-se que a informação, por si só, não gera modificações comportamentais, considerou-se necessário manter esta componente no programa, ainda que evitando um formato didáctico e sublinhando-se a importância de levar os adolescentes a colocar as suas próprias questões. Outro nível de acção consiste no desenvolvimento de competências comportamentais, tais como a assertividade, comunicação e estratégias de resolução de problemas. Assumindo que há uma diferença entre saber o que fazer e pôr esse conhecimento em prática, considerou-se indispensável criar, no contexto do programa, oportunidades repetidas para as treinar, através do recurso ao role-play como participante e observador, o que permite aos jovens explorar estas competências e receber feedback imediato.

Segundo o racional deste programa, o fornecimento de informação e a aprendizagem de competências, aliados à possibilidade de realizar debates aprofundados e antecipar as consequências dos diversos comportamentos, irão conduzir à

clarificação de valores e limites dos jovens, bem como, desejavelmente, a uma maior motivação para a adopção de comportamentos saudáveis. No entanto, é indispensável não descurar aquelas que são entendidas pelos jovens como as consequências positivas dos comportamentos de risco, sendo esta reflexão acerca dos prós e contras das diversas alternativas comportamentais que vai permitir o empowerment e a responsabilização de cada um pelas suas escolhas individuais.

A necessidade de assegurar a eficácia, interesse e estruturação do programa conduziu a que a componente interventiva estivesse fortemente aliada à componente avaliativa, pelo que o programa APAV 4D prevê dois níveis de avaliação. O primeiro pretende identificar eventuais mudanças ao nível do conhecimento, atitudes e intenção de comportamento dos jovens, recorrendo a três etapas (pré-teste, pós-teste e follow-up), nos grupos experimental e de controlo, sendo esta informação recolhida através de questionários de auto-relato disponíveis online. O segundo nível visa uma avaliação comportamental e ao vivo da aquisição de competências por parte dos participantes, através da sua confrontação programada com actores que os irão pressionar para a realização de comportamentos de risco, sendo a utilização de competências pelos grupos experimental e de controlo cotada por avaliadores “cegos” através de grelhas de avaliação.

Apesar de o programa ainda estar em aplicação entre nós e de não haver ainda dados disponíveis sobre a sua eficácia, os resultados obtidos pelo programa original implementado no Canadá têm comprovado o seu impacto positivo na modificação de atitudes, na aprendizagem de competências, na participação nas actividades propostas e na utilização das competências aprendidas em contextos de avaliação realistas (Wolfe et al., 2008).

5. Discussão

A violência nas relações de intimidade é uma problemática de dimensões preocupantes e efeitos alarmantes, não somente a nível individual mas em toda a esfera social. Os estudos empíricos existentes demonstram que as faixas etárias mais jovens não estão imunes a este problema, evidenciando valores significativos de vitimação e perpetração e mantendo crenças legitimadoras deste tipo de violência. Como tal, o desenvolvimento de esforços preventivos a nível universal afigura-se como indispensável, devido ao seu potencial transformador sobre comportamentos actuais e futuros.

O papel crucial da escola no desenvolvimento dos jovens, enquanto local onde se procede a múltiplas aprendizagens, onde geralmente se formam as primeiras relações de intimidade e, paralelamente, como um contexto em que frequentemente ocorre violência, converte-a num espaço privilegiado de acção junto dos jovens e, indirectamente, junto de diversos elementos da comunidade, tornando os esforços preventivos mais abrangentes e articulados.

Neste âmbito, os jovens devem ser entendidos não somente como alvos de intervenção passivos, mas sim como agentes activos de mudança, capazes de interiorizar nova informação e desconstruir mitos, de adquirir competências e utilizá-las adequadamente, e de reflectir sobre os efeitos benéficos ou prejudiciais dos seus comportamentos, tomando assim decisões responsáveis com repercussões em todo o seu mundo relacional.

Referências

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2005). *Projecto IUNO – Sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual: Relatório final*. Lisboa: Portugal.
- Caridade, S., (em preparação). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de conhecimento em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). *Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. Análise Psicológica*, 4, XXIV, 485-493.
- Centre for Addiction and Mental Health – Centre for Prevention Science (2008). *The Fourth R: Relationship based violence prevention*. Acedido em 18 de Novembro de 2008, em <http://www.thefourthr.ca>.
- Dias, A. R. (em preparação). *Repertórios interpretativos sobre o amor: Das narrativas culturais às conjugalidades violentas*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de conhecimento em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Grangeia, H., Matos, M., & Machado, C. (2008, Junho). *Do amor não correspondido à violência relacional: Um estudo sobre as experiências*

- juvenis*. Comunicação no Congresso Feminista, Lisboa, Portugal.
- Howard, D., Wang, M., & Yan, F. (2007). Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence among U.S. adolescent females. *Adolescence*, 42, 166, 312-324.
- Jackson, S. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4, 2, 233-247.
- Lewis, S., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 1, 105-127.
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação do II Curso de Mestrado na Especialidade de Sexologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (no prelo). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*.
- Martins, S., & Machado, C. (2008, Maio). *Perpetración y victimización sexual: Estudio con jóvenes universitarios portugueses sobre creencias y prevalencia*. Comunicação no IV Congreso Nacional Psicología Jurídica y Forense, Murcia, Espanha.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 1, 55-75.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 2, 243-272.
- Saavedra, R. (em preparação). *Prevenir antes de remediar: investigação-acção na prevenção da violência nos relacionamentos íntimos*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de conhecimento em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Saavedra, R., & Machado, C. (2008). *Programa 4D: Curriculum de prevenção integrada para o 9.º ano de escolaridade*. Porto: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.
- Wolfe, D. A., Crooks, C. C., Hughes, R., & Jaffe, P. J. (2008). The Fourth R: A school-based program to reduce violence and risk behaviors among youth. In D. Pepler & W. Craig (Eds.), *Understanding and addressing bullying: An international perspective* (pp. 184-197). Bloomington, IN: AuthorHouse.